# Trazendo a segunda pessoa para o debate - 06/09/2020

A questão da comunicação é algo que sempre me preocupou. Eu falo e você me  
escuta, mas entende? Sim, somos feitos da mesma estrutura física e racional,  
então isso é bem possível. Mas há dois problemas essenciais: 1.) o problema  
cultural e 2.) “como” a compreensão de fato ocorre dentro de nós, do ouvido  
para o cérebro, para os neurônios etc. Além disso, entendo que, sim, é um  
problema fortemente relacionado à filosofia de mente e afins.  
  
Dito isto, vamos falar da segunda pessoa. O ensaio que Waldomiro J. Silva  
Filho nos traz trata dessa concepção em Donald Davidson[i] e explora algumas  
condições na qual dois agentes interagem em uma conversa e a justificação de  
um dos lados no sentido de afirmar um bem epistêmico. A questão chave da  
conversa é: “nós queremos entender as declarações [utterances] reais dos  
outros e nós queremos que nossas declarações sejam entendidas”.  
  
Então, na dinâmica de uma interação conversacional, trata-se de entender a  
“segunda pessoa” como interlocutor com o qual não compartilhamos uma regra ou  
convenção linguística de antemão. Davidson parte de uma questão empírica de  
quantos falantes são necessários para que haja uma interação, ao invés da  
questão abstrata das condições de uso da linguagem. Seu “ponto de vista da  
segunda pessoa”, segundo Waldomiro, é o do intérprete que é interpelado pelo  
falante e que concebe que aquele tem a intenção de se fazer entender de modo  
significativo. Isso quer dizer que são necessárias pelo menos duas pessoas  
para haver a linguagem.  
  
Waldomiro recupera a argumentação de Wittgenstein de que o significado não é  
algo interno à nossa mente. A partir daí, Davidson traz a triangulação onde os  
conteúdos semânticos estão no meio-ambiente, mas o falante deve crer  
[epistemicamente] no significado do que diz. Na conversação, há a determinação  
de um objeto triangulado por duas (ou mais) pessoas – e aí não se concebe a  
interação de uma pessoa consigo mesma. Segundo Davidson, é dessa triangulação  
que surge a objetividade: há crenças que designam objetos no espaço público,  
ou seja, pensamentos que são individualizados. E é só com a segunda pessoa que  
sabemos que um objeto pode ser enunciado como verdade, solapando o solipsismo.  
  
Bem, se não é necessária uma convenção linguística de antemão, o que trará  
certeza no compartilhamento de uma verdade objetiva entre os falantes é a  
"interpretação radical". Com ela, há uma interpretação a partir do zero, sem  
conhecimento prévio de linguagem e o acordo de crenças vai se estabelecendo em  
uma dialética eu-tu, em que cada um fornece ao outro algo de compreensível. A  
condição da conversa é se fazer intencionalmente interpretável e não seguir  
uma regra linguística. Outro ponto importante é que a produção de enunciados  
requer a diferenciação entre "o que é acreditado" e "o que é o caso". Por  
isso, mais do que um processo empírico, a conversa é um processo investigativo  
de produção do conhecimento que caminha entre acordos e desacordos sobre o que  
é o caso.[ii]  
  
No início da conversa, se os interlocutores não sabem se seus signos possuem  
mesmo valor semântico e de verdade, há necessidade de investigação. Isto é, há  
um movimento dialético no diálogo onde crenças divergentes vão sendo  
justificadas e se decide o que é epistemicamente justo fazer. Assim, o  
conceito de segunda pessoa, na abordagem de Davidson, nos parece central no  
uso da linguagem e na investigação de disputas epistêmicas onde se é  
imprescindível esclarecer “o que é o caso”, ponto esse ainda a ser explorado  
mais detidamente.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme \_Ensaio sobre a segunda pessoa\_. Acessado do site em 25/08/2020  
pelo link:  
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/247945>.  
  
[[ii]](file:///C:/Users/quissak-l/Desktop/Trazendo%20a%20segunda%20pessoa%20para%20o%20debate.docx#\_ednref2)  
Sobre proposições e o que é o caso, em Wittgenstein, o pouco que sei, trata-se  
de uma mediação no que creio que e falo e no que se dá no mundo. A ser  
investigado.